

PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 12 de Janeiro de 1980 \* Ano XXXVI — N.º 935 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# Os Direitos da Criança

O Ano Internacional da Criança terminou. Que terá ficado dele em todo o mundo? Que terá ficado entre nós?

O pensamento que o determinou nasceu da constatação preocupante do «facto de um número demasiadamente grande de crianças, sobretudo nos países em desenvolvimento, se acharem sub-alimentadas, não terem acesso aos serviços de saúde de que necessitam, não receberem, no plano da instrução, a preparação indispensável ao seu futuro e estarem privadas dos prazeres elementares da existência». Isto, «apesar de todos os esforços já desenvolvidos». Daí a convicção «de que um Ano Internacional da Criança poderia contribuir:

para encorajar todos os países a reverem os seus programas para a promoção do bem-estar das crianças (os quais devem também fazer parte de um conjunto de esforços num âmbito mais vasto com o fim

de acelerar o progresso económico e social);

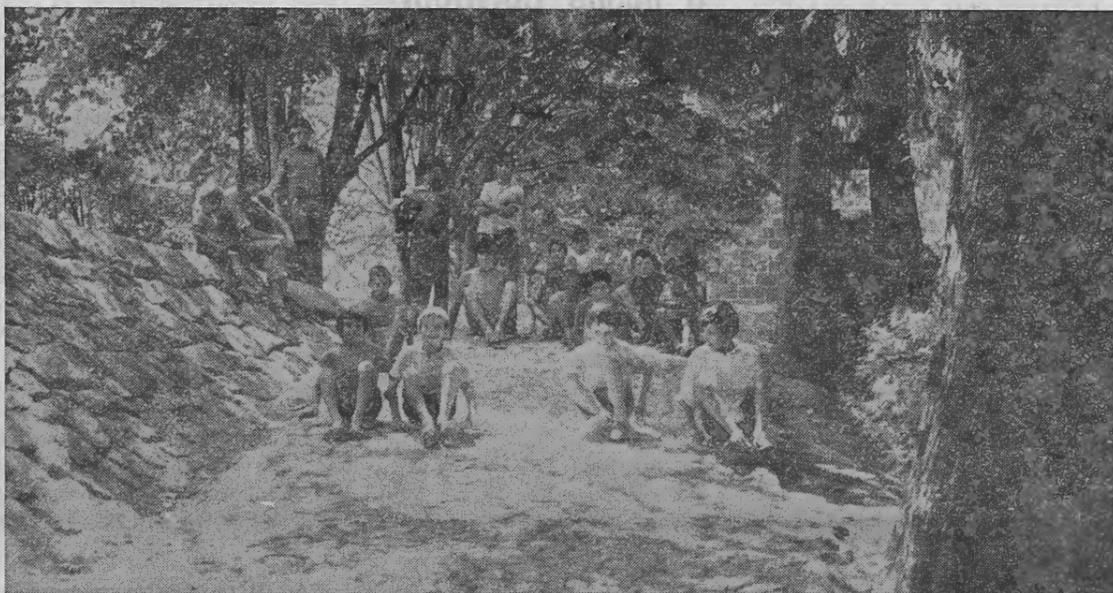
e para mobilizar o apoio necessário a esses programas de acção, segundo a situação, as necessidades e as prioridades de cada país».

A ocorrência do vigésimo aniversário da Declaração dos Direitos da Criança pareceu «uma boa oportunidade» para consciencializar da urgência desta revisão e da conseqüente mobilização de esforços, governos, organizações não governamentais e o grande público.

Assim se gerou a proclamação do Ano Internacional com a dupla finalidade:

de chamar a atenção dos responsáveis e do grande público, «para os tornar mais conscientes das necessidades específicas das crianças»;

e de estimulá-los a «realizar, tanto a longo como a curto prazo, acções com continuidade a favor das crianças, à escala nacional e internacional».



Esta preocupação de continuidade repete-a a ONU no texto da sua Resolução: ao apelar «aos governos para intensificarem os seus esforços no sentido de aumentar o bem-estar das crianças de uma maneira durável (nosso o sublinhado), dedicando uma atenção especial àquelas que constituem grupos mais vulneráveis e grupos particularmente desfavorecidos»; ao convidar as organizações não governamentais e o grande público a uma participação activa e coordenada(...), em particular à es-

cala nacional; ao exprimir «a esperança de que os governos, as organizações não governamentais e o grande público correspondam generosamente a este apelo...».

Recapitulada, brevemente, a génese do Ano Internacional da Criança, resulta claro que a intenção dos seus promotores foi acordar dormentes, agitar problemas, responsabilizar o Povo, a todos os níveis, sobre a preparação do Futuro, que passa necessariamente pela Criança, a quem «a Humanidade deve dar o melhor de

si própria». Como o agricultor selecciona a semente de que espera a nova colheita, assim deve cada geração escolher as suas atitudes, decidir as prioridades de acção que hão-de formar as gerações seguintes, mais perfeitas e mais felizes, mais capazes de «assumir dos seus progenitores o multiplice património dos valores, dos deveres e das aspirações da nação à qual pertencem, juntamente com o património de toda a família humana». «Ne-

Cont. na 4.ª página

## AGORA

1 de Janeiro de 1980. A «Proclamação» vai sair e abre com uma carta que é um hino de fé e de coragem e também de acção de graças pela fraternidade que, louvado seja Deus, não é ainda palavra vã e mobiliza: «um irmão de minha mulher» que proporcionou o arranque; o «Empreiteiro para quem trabalho, que muito contribuiu para o início da minha casa»; e o pobre pequenó auxílio do fundo do Património dos Pobres, que é estímulo. Ei-la:

«Chamo-me F., sou casado, e tenho doze filhos o mais velho com dezanove anos e o mais novo com dois meses.

Vivo numa casa alugada que só tem três divisões e ainda uma cozinha. Para uma família de catorze pessoas não chega, por isso me ofereceram um terreno barato e bom para eu fazer uma casinha que fosse digna de eu viver com a minha numerosa família.

Como não tinha sequer dinhei-

ro para o terreno, que custava sessenta mil escudos, tive que recorrer a um irmão de minha mulher que é emigrante em França. Este emprestou-me o dinheiro sem juro, a pagar quando e como pudesse.

Trabalho na construção civil por conta de um empreiteiro já falecido que, antes da doença que o vitimou, muito contribuiu para o início da minha casa, com cimento, portas, tacos, etc. Também me dava serviços extras para eu dar início à obra.

Mas a morte não perdoa e a minha casa só ficou começada. Foram surgindo ajudas de várias pessoas, incluindo a ajuda dessa Casa.

Que Deus vos guarde e ajude sempre a cumprir a grande Missão, pelo bem dos Outros.»

Um outro auto-construtor da mesma terra, feliz e agradecido pelo dom da sua casa, reparte a sua alegria com «uma migra-

Cont. na 3.ª página

## AQUI, LISBOA!

«Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão» (Pai Américo)

Escrevemos precisamente na Festa da Sagrada Família de Nazaré. Por isso encimamos estas linhas com as palavras citadas, dado que, neste posto de observação em que nos situamos, como poucos, estamos capacitados para compreender a importância da Família como primeira célula da sociedade, sobretudo pela constatação dos aspectos negativos resultantes da sua não existência, do seu mau funcionamento ou da sua destruição.

Só numa Família equilibrada e estável se processam as condições indispensáveis e o ambiente propício para a feli-

cidade dos cônjuges e o aparecimento e a educação das crianças. Um clima de amor e de paz e a plena realização de pais e de filhos exigem a unidade do matrimónio e a sua indissolubilidade. Os filhos encontram na Família cristã autêntica o meio natural e sobrenatural mais adequado para o seu crescimento, formação e processo educativo.

Os exemplos dolorosos que todos os dias nos aparecem, e a que só em ínfima escala podemos dar algum remedeio, dão-nos uma visão rigorosa das realidades. As crianças são as primeiras vítimas, sofrendo,

na sua carne e no seu espírito, as conseqüências da desmoralização da Família, do seu abastardamento ou da sua dissolução, às vezes de modo irreparável ou dificilmente previsível. Pensar na Criança, nos seus direitos e no seu desenvolvimento harmonioso, remete-nos logo para a estrutura familiar e para a necessidade imperiosa de a defender e proteger, criando-lhe as condições materiais e morais indispensáveis para seu pleno funcionamento.

Vai o próximo Sínodo, em Outubro, abordar «As funções

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

NATAL — O nosso Natal, como é tradição, foi passado na maior calma e com alegria.

Os preparativos começaram a ser feitos dias antes, por mãos habilidosas que deram às rabanadas e às filhós o devido sabor.

Os cozinheiros lá estavam sorridentes, não fosse a equipa de reportagens da RTP, do Porto, que nesse dia se deslocou até nós.

A hora da consoada, e já no nosso refeitório, a alegria foi notória. E já que falamos em consoada, somos obrigados a falar em batatas com bacalhau, um prato muito saboroso.

Depois da Missa de Natal foi a distribuição das prendas: roupas, chocolates e brinquedos para os mais pequenos. Quase todas as prendas oferecidas por Amigos nossos.

A pressa de cada um verificar o que trouxe o «Pai Natal» fez com que os respectivos embrulhos fossem abertos com bastante pressa e as trocas, entre os mais pequenos, começaram logo na hora H. Na altura do cacau, cada um levava consigo o seu embrulho.

Foi já de madrugada que, finalmente, fomos descansar.

Umás horas depois os nossos pequenitos andavam na avenida com os seus carrinhos na brincadeira.

E assim andaram até à hora do almoço, muito saboroso e foi comer e chorar por mais.

Eis o nosso Natal!

FIM DE ANO — O nosso Conjunto pensou e pôs em prática uma festa de fim de ano que, pelo que se viu e ouviu, foi um sucesso.

Reuniram-se aqui pessoas amigas e casais da nossa Obra. O salão foi pequeno demais para as pessoas que se juntaram.

Tudo decorreu na ordem, como era de esperar e, por volta da meia-noite, abrimos garrafas de champagne para comemorar o dia.

O Conjunto, apesar de ter metido água pelo meio, não tocou mal e isso viu-se pela maneira como as pessoas reagiram.

O gravador também funcionou para que os músicos pudessem descansar. Eram quase 4 horas quando, finalmente, pudemos descansar.

Não queremos deixar de referenciar a entrega dos prémios da Corrida de S. Silvestre, incluída no Torneio de Natal e que se efectuou no meio da primeira parte da festa.

A boa disposição e o espírito desportivo de cada equipa marcaram bem este Torneio.

Foi a primeira e com certeza não será a última festa de fim de ano.

TORNEIO DE NATAL — Conforme notícia do número anterior, realizou-se em nossa Casa mais um habitual Torneio de Natal que trouxe até nós a presença sempre amiga de atletas de localidades vizinhas.

Apesar de tudo, e mesmo quando os nervos, as precipitações e os mal entendidos nos arrasam, houve um clima de camaradagem.

A classificação por equipas foi a seguinte: 1.º Desportivo da Casa do

Gaiato; 2.º Melas Abba; 3.º Grupo Desportivo das Cavadas.

Os nossos agradecimentos pelo bom comportamento dos atletas.

Um agradecimento ao José Alves, repórter fotográfico que sempre acompanha estas maratonas desportivas com muito agrado e que, apesar de já estar emancipado, continua a ser um dos nossos.

«Marcelino»

## Poema de Natal a Jesus Salvador SER CRIANÇA

Ó Deus  
A Humanidade precisa de Amor  
Em cada acto,  
Em cada pensamento.

Ser Criança é amar,  
É viver com alegria,  
É construir o Bem  
Com humildade  
E inocência.

Ó Jesus,  
Ter Esperança  
É dar de comer  
A quem tem fome  
E sede de Justiça,  
E querer restaurar  
A face do Mundo.

Ser Criança  
É ser Pobre  
Como Jesus nasceu,  
E fazer da vida  
Uma caminhada  
Em prol do Irmão.

Natal de 1979 Manuel Mendes

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

«Ele teve um ataque» — como diz o povo; um derrame, exactamente. Há pouco tempo, mais outro. Está fisicamente inutilizado.

Apesar da pensão de reforma demorar, como é hábito, e não sabemos como vai o andamento do processo («aquela gente nem responde... têm muito que fazer...!»), a ele e à esposa, pois não têm filhos, não lhes falta, agora, graças a Deus, o mínimo de subsistência. Que o diga o nosso tesoureiro...

Para não ficar massacrado no catre, entre as paredes, em profunda solidão, que a mulher tem de rabiar, arranjámos uma cadeirinha rolante. Assim, pode vir cá fora, ao átrio, receber o ar puro do Vale do Sousa e bafejar-se de raios solares, que são um bom remédio também.

Uma solução! Cantou vitória, na altura, gesticulando à sua moda, como os bebés na posse de um brinquedo...

Agora, com o frio e a chuva, pouco sai na cadeirinha. Fica só, no quarto gelado. Não podia ser... Precisa de conforto. Lareira não têm,

nem seria aconselhável. Daí, sendo eles consumidores de luz, fomos por um aquecedor eléctrico, económico. O vicentino não perdeu tempo. Nestas acções há que ser oportuno. «Aquilo foi uma festa!» — conta o recoveiro dos Pobres. «Uma festa!» — repete, d'alma cheia. «Ele levanta os braços, pede para acender a luz; depois, que abra a janela interior do quarto, semi-cerrada; e, por fim, indica o sítio da ficha. Ligo o aparelho e estrebucha na cama, mais quentinho, aos gritos d'alegria. Só visto!»

Foi antes do Natal, é evidente. Já não sofre mais frio, pela generosidade dos nossos leitores.

■ A propósito de Natal: Este ano, como aliás o ano passado, não fomos ao merceiro nem ao padeiro tratar de consoadas. Entregámos na mão de cada Pobre, com discreção e antecedência, e consoante o agregado familiar, a importância necessária para a noite de Natal ser diferente das mais — como é tradição.

Os Pobres seguiram pelo seu pé, como vulgares cidadãos, ao merceiro, ao padeiro, ao confeitiro, ao supermercado... da sua escolha; a seu gosto. Foram eles, mãos cheias, como vulgares consumidores.

Aqui e ali, nos dias seguintes, topámos um e outro exultando a consoada, invocando graças a Deus. Como? De lágrimas nos olhos! A oração dos Simples é assim. Brota do fundo do coração e vai direitinha ao Céu.

PARTILHA — Para compensar os gastos com o Natal dos Pobres, respondeu muita gente, graças a Deus.

Mil de «professora aposentada». No fim uma visita, senhora de Lisboa entrega um cheque de 500\$00. Agora, façamos a primeira paragem, para escutarmos uma peregrina de Mangualde:

«Mandeí um vale de correio e, deste dinheiro, peço que tirem 100\$00 para a Conferência. É muito pouco. Queria dar esta importância todos os meses, e não tenho podido fazer. Comprei um andar, pedi o dinheiro todo e vou ficar com um encargo enorme, como devem calcular; é só o meu marido a ganhar e a saúde dele não é perfeita, mas confiamos muito no Senhor. Com a ajuda d'Ele iremos para a frente.»

Fundão é presença de sempre. Retribuímos, com amizade, o «grande abraço». Santarém, 800\$00. Assinante 11162, do Porto, com uma importância «referente aos meses de Outubro a Dezembro». Coimbra, Rua Combatentes da Grande Guerra; um vale de correio «por alma de minha mãe e meu pai», destinado a «pessoas idosas». Cumprimos. Mais Porto com 100\$00, de José de Carvalho. São muitos os José na cidade invicta. Já que falamos do Porto, «uma portuense qualquer» aparece em Novembro e Dezembro; e a segunda remessa foi «retirada do 13.º mês e destina-se às despesas extras desta quadra natalícia». Cheia de oportunidade! Outra vez Porto: J. C. C., 100\$00. Assinante 26326, o dobro. «Uma Assinante do Seixal» continua sempre na primeira linha:

«Envio esta partilha do meu vencimento, esperando o crescimento do

Reino de Deus, cujos sinais de Esperança se vão vendo, apesar dos nossos pecados colectivos de indiferença, instalação, abandono, continuando a ecoar nos nossos ouvidos, incômodamente, «o que fizeste de teu Irmão?»

O Espírito sopra onde quer! Demos graças a Deus.

Ponte de Gouveia, 200\$00. Idem do «Casal amigo 17022», que também não falha «para ajuda da consoada». Rua Eugénio de Castro, Porto, «uma pequena achega para a Conferência». Mais 200\$00 de Aurora. «Eu-e-Ela» são presença de muitas vezes e na hora própria: «Mais uma vez não queremos festejar o nosso Natal sem partilhar com os nossos Irmãos pobres alguma coisa do que Deus nos concedeu». Partilha cristã!

Senhora de Aveiro, 200\$00. M. M. G., do Porto, o excedente de contas em dia. Assinante 33353, 200\$00.

Duas remessas muito proveitosas da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro; e de «velha Amiga» de Estremoz. Leça do Balio, 250\$00. Avenida Estados Unidos da América, Lisboa, o dobro. Ainda da Capital, mais 120\$00 e uma justificação amiga pelo impasse: «A razão está numa quebra nas minhas finanças». Que delicadeza!

De Lisboa, «o meu óbulo de Outubro a Dezembro e uma ajuda mais para alguém necessitado nesta época festiva». Rua Duque de Saldanha, Porto, 400\$00 «para ajuda da reparação da cadeira motorizada do deficiente». Avenida Madrid, Lisboa, 500\$00 com o mesmo objectivo. Afinal, tivemos de comprar um novo motor! Mas Deus supre, pela vossa generosidade.

Agradecemos e retribuimos, do coração, os votos de santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes

## Refletindo

● Escrevo estas linhas ao terminar o ano de 1979. Um ano que acaba representa o fim de uma etapa para todos nós e, como tal, é ocasião de paragem, de reflexão.

As nossas Casas continuam cheias. Em nós continua o peso de tantos casos que nos batem à porta e para os quais nós não podemos dar solução. Em nós a certeza do muito que há a fazer neste País.

Num destes dias de festa, enquanto recebíamos mensagens cheias de calor de muitos Amigos que nos ajudam e encorajam, veio aqui falar comigo uma mãe solteira. Mãe de dois rapazes. Doente, de vez em quando internada nos hospitais. Brevemente necessita de ser operada. Não tem quem tome conta dos filhos, enquanto vai trabalhar. Esta situação põe-na em perigo moral. Uma mulher indefesa, fraca. Vinha pedir se recebíamos os filhos para poder ir trabalhar. Entristeceu-me. Por ela, pelos filhos, pelo que representa esta situação... e nós temos a Casa cheia.

Passadas poucas horas, um homem novo. Trinta e quatro anos. Viúvo há quatro meses. A mulher morreu num desastre de automóvel. Viúvo com cinco filhos, a mais velha com nove anos, o mais novo com um. É operário. Ganha para viver. A sua casa era pobre, mas feliz. De repente fica sózinho. Desorienta-se, não consegue dormir... São as saudades, são os filhos que ele não vê como os há-de criar e educar. Não vê soluções. Bate-nos à porta. Se recebíamos os três rapazes. Não os quer separados para não crescerem afastados uns dos outros.

Estes casos deveriam ser resolvidos sem os filhos serem afastados dos pais. Com infan-

tários espalhados pelo País, onde as crianças estivessem durante o dia e regressassem à noite a suas casas. Mas existem tão poucos que a maior parte dos casos ficam por resolver, à custa de um sofrimento humano de tal forma grave que não deixará de ter as suas consequências dramáticas.

● Ao entrarmos no Ano Novo não queria ser demasiado pessimista, deixando-vos apenas a imagem triste dos dois problemas que vos apresentei. Assim venho falar-vos do Nave, rapaz de doze anos que há algumas semanas faz parte da nossa família.

Há alguns anos morreu-lhe a mãe. O pai, devido a várias limitações não o tinha com ele, tendo ido viver para casa de uns tios. A falta de carinho que aí encontrou, os maus tratos que recebeu, apesar de trabalhar, de ser útil, faz-me lembrar a história da «Gata Borralheira». O mesmo desprezo sofrido, a mesma injustiça que pesam sobre a heróina dessa história para crianças.

Os maus tratos atingiram tais proporções que os vizinhos não puderam ficar indiferentes. Queixas às autoridades e pedido para ser recebido aqui. Veio.

Vinha habituado a trabalhar, aceitou com alegria a tarefa que lhe entregamos. Não nos esconde a sua satisfação por se sentir aqui estimado. A sua boa vontade, a sua aceitação desta família que lhe oferecemos são para nós um incentivo. São para nós um sinal de esperança.

Esperança que vimos comungar convosco no princípio de 1980.

Padre Abel

## EU SOU



## o «Marcelino»

«Retalhos de vida» é coluna devorada, há muito tempo, pelos leitores. A vida! E a vida de um ser, de corpo e alma, é sempre um mistério de cambiantes, sonhos e frustrações, virtudes e defeitos — e de miséria imerecida, também. Fomos «lixo da rua»...

Não é fácil revelar ou expressar o que fomos e somos! Não é fácil por razões óbvias. Mas o balanço positivo de «Retalhos de vida», que permanecem, vamos enriquecê-lo por outra via, estimulante — o diálogo. Daí EU SOU..., como painel ou espelho da alma, do comportamento, da vida de crianças e jovens, filhos de uma Obra que procura «fazer de cada Rapaz um Homem».

- Como te chamas?
- EU SOU João Manuel Capela, por alcunha o «Marcelino».
- A tua idade?
- Vinte anos.
- Onde nasceste?
- Na cidade de Bragança.
- Tens pais?
- Só pai. A minha mãe faleceu quando me deu à luz...
- Como vivias por lá?
- No seio da minha família, vivia esquecido..., pois o meu pai é um ébrio, desde que a minha mãe faleceu! Ele dizia que bebia só p'ra esquecer..., mas o «esquecimento» tornou-se vício!
- Gostas de ler. Qual o género de literatura e autor preferidos?
- O romance. Como autor, Eça de Queiroz.
- Preferes a convivência ou o isolamento?
- A convivência! Mas, às vezes, faz bem o isolamento. Há aspectos da vida em que precisamos, e muito, de silêncio.
- Que género de programas de Rádio mais te interessam?
- Música «rock».
- E da Televisão?
- Vejo Televisão, mas nada me prende... para além do estudo, pois sou trabalhador-estudante.
- A tua maior ambição?
- Afirmar é um risco! São várias... Do ponto de vista ma-

Cont. da 1.ª página

lha para as rabanadas dos seus Rapazes». Oh sabor! Oh beleza! É verdade que «o Senhor retribue a cem por um» ainda cá na Terra!

Agora a multidão. Nós vemos e dizemos assim. Porém Deus vê e conhece cada um dos que a compõem. Felizes, porque não seremos nós a agradecer, mas Ele, o Justo Juiz que dará a cada um segundo as suas obras!

No Espelho da Moda 30 contos que alguém lá deixou. À porta do Lar, senhora muito modesta, mãe, viúva e agora sem o filho único que era a sua riqueza, vem entregar os juro do seu mealheiro: 10 contos.

«Com a ajuda de Deus e até quando Ele quiser, venho enviar mais duas notas de mil, que junto ao que enviei perfaz a quantia de 35 contos. É para os auto-construtores, esses heróis que conseguem com migalhinhas e sacrifícios enormes, construir um lar para si e para os seus. É a minha menina dos olhos. Admiro-os porque também sei o que é conseguir o que mais desejamos.»

De Braga, um cheque de mil e «eu, nas minhas orações, não os esqueço a todos e também todos os benfeitores da Obra do nosso querido Pai Américo, que eu não conheci, mas de que me sinto orgulhoso por pertencer à família daqueles que ajudam a sua Obra. Quando recebo o jornal é uma alegria que sinto porque vou ver tantas boas almas de coração a estalar de amor pelos Outros». Oh riqueza!

Agora o Porto: «Faço hoje 54 anos. Há mais de seis meses mandei para a Auto-construção uma percentagem sobre o sinal do meu andar. Está já pago e vai agora o resto dessa pequena percentagem. Ter uma casa nossa parece-me ser sonho legítimo de todos. Mas quantos, sabe Deus, mais se terão esforçado do que eu e não o conseguem». Oh inquietação!

Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, 8.205\$00 por uma vez e 7.610\$ por outra.

De Lisboa, Zélia com 1.000\$ e uma velha e grande Amiga

terial e pessoal: ser amanhã um bom profissional de Artes Gráficas.

— Uma das maiores tristezas?

— O desmoronamento da minha família...

— Como entendes a família natural?

— É tão difícil responder..., pois se nunca tive uma família natural organizada!

— Como entendes a nossa Obra, a Obra da Rua?

— Neste aspecto: ela supre, o melhor possível, no meu caso e em tantos, exactamente a falta da família.

— Indica um objectivo do Ano Internacional da Criança.

— Despertar na consciência das pessoas, do mundo inteiro, que as Crianças não podem ser esquecidas, sobretudo aquelas que sofrem ou, como nós, sofreram imensas dificuldades.

Júlio Mendes

## AGORA

com 50 vezes mais. Deixados na nossa Casa do Tojal, 8.500\$. No Montepio Geral 5.700\$, dos quais três, mais outras tantas pedras da Casa da Tia Lai. O Fernando, de Algés, da Casa do Licenciado, com mais 250\$ e «um mar de beijos e abraços para os mais pequenitos e alegria para todos». Continuamos em Lisboa. É a vez da Francilina, com mil: «Faço-o em memória do meu Marido, pois tenho a certeza de que, se existisse, já teria contribuído para esse vosso grande empreendimento». Mil de um Professor Universitário por alma de José Luís.

Sintra, fica perto e passa agora com uma «pedrinha» de mil, «muito pequenina para agradecer a graça que Deus me concedeu. Mas se eu viver e puder, enviarei nova ajuda».

Gaia com 2.000\$, «1.ª pres-

tação da dúzia que tenciono oferecer para o Património dos Pobres». Outra Vila Nova, esta de Ourém, com 21.000\$, «uma pequena ajuda para alguns daqueles que nas suas necessidades recorrem à Casa do Gaiato». Menos mil de algures, com pedido de orações por Albino, seu marido. Igual quantia de Guimarães: «mais uma prestação para a Casa Padre Cruz». E mil de Viseu, para «qualquer necessidade maior» — e nós escolhemos esta.

Os Pessoais da E. D. P. e Caixa Têxtil do Porto não faltam mensalmente. Quem não apareceu mais foi o de outra Caixa aqui apresentada na última saída e que esperamos ver mais vezes.

Mais no Espelho da Moda várias contribuições sem indicação de origem, que somam 2.000\$; cinco vezes mais para a Casa

Seja Louvado N. S. Jesus Cristo; e outras, mas estas pertencentes ao grupo dos de muitas vezes, como M. M.-A. L. com 2x1.000\$. «Zé Ninguém» manda 1.000\$ «para onde for mais necessário», «no aniversário do nosso casamento. É a minha prenda, pois fico mais contente do que se a recebesse». J. P. R. continua visita fiel do nosso Lar, com os seus 500\$ mensais. Cruz, da Beira (ou agora da Figueira), duas achegas para a Casa do meu Pai. E esta confissão amorosa: «A minha presença não tem sido tão certa como nos tempos de Moçambique. A saúde é fraca e as possibilidades menores. Contudo a minha amizade pela Obra é sempre a mesma e essa amizade terminará comigo».

Padre Carlos

## Contraste

Ele veio na última leva dos que entraram nas passadas férias grandes. Veio de uma aldeia escondida nas margens do Douro que, talvez por isso mesmo, se chama Covas. Sua mãe ficou viúva com um rancho de filhos e este seria rebeledo no meio dos outros; mas, a julgar pelo seu comportamento aqui, nada de assustar ninguém e menos sua mãe que parece uma mulher equilibrada e forte. Esta foi a impressão que nos deixou em breve passagem de visita ao filho, confirmada por este testemunho que ela própria dá em carta que há dias lhe escreveu: «Filho, sabes que eu estou sempre com o pensamento em ti. Faz por te portares bem. Ajuda ao teu sacrifício e ao meu. O que eu mais desejo é que amanhã sejas alguém na vida e faças ver a muita gente. E o que eu mais peço a N. Senhor».

Pai Américo faria destas letras um poema denso de beleza e de doutrina. Falta-nos o jeito para tanto. Porém, não perderemos a oportunidade de reflectir sobre o caso social do «Melancia», assim foi ele «baptizado» entre nós.

É certo que lhe poderemos, talvez, dar saída para a vida que na sua terra e no seio do seu lar não teria. Mas ele não é da legião dos sem-família

para quem a Obra procura ser a família de substituição. A morte levou-lhe o Pai. Mas ficou a mãe, que se revela capaz de fazer dele um homem, assim tivesse pão para lhe dar e aos outros filhos e os mais meios necessários para os preparar para a vida.

Este caso traz à superfície o abandono a que os meios rurais têm sido votados e a debilidade da nossa Assistência Social. Na sua terra haverá Escola Primária... Mas a sequência da escolaridade obrigatória de 6 anos exigiria deslocação que não era acessível aos magros recursos da família. É tudo muito bonito no papel, mas nós sabemos por experiência quanto custa a Escola, mesmo ao nível elementar. Se o pelouro da Educação não pode cobrir este custo para quem mal consegue o pão de cada dia, seria a vez da Assistência Social suprir. Mas como, se ela não chega às terreolas escondidas e ignoradas como Covas e não dispõe de verbas para responder às exigências legítimas de tantos necessitados?

Ora a mãe do «Melancia» é Mãe. Amar os seus filhos é querer o seu bem; mas querer sem veleidades, ainda que pelo preço do sacrifício deles e do seu: «O que eu mais desejo é que amanhã sejas alguém

na vida (...) É o que eu mais peço a N. Senhor». E daí até talvez tenha ampliado a rebelião do filho para facilitar o seu acolhimento por nós. E entregou-no-lo para que seja alguém na vida e respeite os direitos desta entrega e quer que o filho os respeite pela sua correspondência: «Faz por te portares bem. Ajuda ao teu sacrifício e ao meu».

Em contraste com este caso, dias antes do Natal, dois também nossos de fresco, são levados: um pela mãe e os irmãos; outro por um irmão que tem no seu activo, entre outras aventuras, o ter o pai com baixa há mais de um ano, por tarefas que lhe dá. O «Aldeia Velha» e o «Mosca» são bem mais para nós do que o «Melancia». Mas a festa de Natal vale mais para os seus parentes do que o futuro deles. Não há aqui o desejo maior de que «amanhã sejas alguém na vida». Tampouco a disposição ao «teu e meu sacrifício», ajudado pelo «faz por te portares bem».

E ficamos nós a pedir a N. Senhor que guarde como só Ele sabe e pode, o «Aldeia Velha» e o «Mosca»; e nos ensine e ajude a guiar para a vida o «Melancia».

Padre Carlos

# Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

da Família cristã no mundo de hoje». A Igreja, consciente do valor da Família e dos ataques cerrados de que é alvo, visando a sua destruição, assume assim as suas responsabilidades. Depois dos Sínodos sobre a Justiça no Mundo, o Sacerdócio ministerial, a Evangelização e a Catequese, a Igreja pretende incutir-nos que é a Família, como célula primeira da sociedade, que compete em primeira mão a educação, tão necessária e urgente, para a Justiça no Mundo; que é a Família o primeiro agente e o espaço privilegiado para o anúncio de Cristo e da Sua Mensagem; que a educação mais profunda na fé se realiza na Família, constituindo, por isso mesmo, o habitat natural para o despertar das vocações e de cidadãos compenetrados dos seus direitos, participativos e colaboradores, que não podem, todavia, esquecer os

seus concomitantes deveres.

Ao longo do ano, ao sabor das oportunidades que se nos forem deparando, trataremos, nas variadas ópticas, aspectos inerentes ao tema agora aflorado. As Casas do Gaiato e similares não seriam precisas se o espírito de Nazaré reinasse entre os homens e os responsáveis de todos os países respondessem de maneira adequada e efectiva às necessidades das Famílias, no campo material e moral, combatendo a irresponsabilidade e o egotismo e legislando de modo oportuno

● Na Rua do Ouro é frequente, entre os prostrados que se dirigem à comiserção pública, ver uma mulher, sentada, com uma criança de tenra idade nos braços e com um letreiro «Doente dos pole-mões» (sic). Paramos junto, um dia destes. Apeteceu-nos fazer algumas perguntas. A criança dormiria (?) e a mãe (?) tinha

os olhos cerrados. Os assuntos a tratar puseram-nos em movimento. Fica aqui apenas o registo do facto, conhecido de milhares de transeuntes. Sem sabermos quem será «doente dos pole-mões», se a mulher se a criança, queremos, de qualquer modo, denunciar a passividade das autoridades e organizações estatais que deveriam indagar da verdade das situações e proceder em conformidade. Nós somos «bombeiros» a tempo inteiro mas não podemos andar a apagar todos os fogos ou a socorrer todos os naufragos, verdadeiros ou simulados, que destes também os jornais dão, de quando em vez, conta!

● O nosso Natal foi a confirmação inequívoca do amor de Deus e dos Homens. Não temos palavras para o descrever, nem nos sentimos dignos de testemunhar tanta delicadeza e tanto carinho. Porque será que o Natal não constituirá mais uma atitude permanente do espírito do que uma fugaz amostra do que poderia (e deveria) ser o convívio entre os homens?

● Informamos, para facilitar a vida aos nossos Amigos, que o nosso LAR é na Rua Ricardo Espírito Santo, à Estrela, n.º 8, r/c D.to, perto da Av. Infante Santo. No Franco Gravador, Rua da Vitória, 40 e na Secretaria do Montepio Geral, na Rua do Carmo, na zona da Baixa, encontrarão também locais de confiança para entregar objectos ou valores, graças à estima e delicadeza dos seus proprietários ou responsáveis.

Padre Luiz

## NOTAS DA QUINZENA

□ Hoje é dia de Ano Novo. E estava eu a acabar de escrever um cartão de Boas Festas quando chegou o «Marcelino».

— Então, gostou da nossa festa?

— Gostei muito...

— Isso de gostar muito não basta. É uma coisa vaga. Falhas, falhas...

Fui obrigado a pensar melhor. Eu tinha pensado quase só na festa. Convívio humano. Encontro de casais que connosco vivem o dia-a-dia, com outros que, sendo de cá, vivem fora da nossa Aldeia. A alegria da participação, aqui ou ali, com o direito a divertimento. O sentimento da fraternidade que o homem esconde nos atropelos da sua rotina diária. A ansia de ser-se mais, actuar de uma relação de mais igualdade com os outros.

Assim vi a festa. Imaculada... Pois o nosso diálogo continuou. Crítica e auto-crítica. Uma desafinação, uma omissão, umas falhas técnicas, pois claro que sim. E mais isto e mais aquilo. Mas seria a mensagem, o essencial. O espírito de organização, a estrutura que aguenta a iniciativa. E o resultado positivo é sempre o objectivo. Assim foi.

Este período do ano caracteriza-se pela aproximação que os homens fazem entre si para além das suas ideias e situações diferentes. «O lobo é o cordeiro pastarão juntos.» É o Sonho da Humanidade antes de Jesus. Depois d'Ele é a realidade da Festa do Seu Nascimento, Morte e Ressurreição. E que para nós significa Fé na Esperança de que o Amor é possível entre os Homens. A verdadeira Festa do viver para os Outros!

□ Um dos candidatos a futuro organista é o Félix. A alegria dele por tal facto, pode ser já o primeiro sinal de uma ressurreição humana-espiritual. E se a música for a sua tábuca de salvação, merecerá o órgão melhor do mundo, para ouvirmos com alegria a sua música, na Festa que será de todos. Os seus colegas mais velhos, na arte de tocar, teriam então a paga maior, por lhe terem dado a mão, ajudando-o a libertar-se da sua vida, até então pautada por notas desafinadas. O futuro irá dizer se o Félix apanhará o tom certo, para o dia de Festa que todos ansiamos viver. Por tantos Félix que o mundo tem, vale bem a pena a Esperança na Ressurreição, ainda que amassada e cozida com espinhos e cruzeiros! «Aquele meu filho estava morto e ressuscitou, estava perdido e encontrou-se.»

Eis a Festa.

Padre Moura

## Correspondência de Família

Vendas Novas, Dezembro de 1979

A todas as Casas do Gaiato, a todos os gaiatos, aos mais pequeninos, a todos nós que somos Pais:

É a nona vez que estou presente, por carta, nas vossas alegrias ou tristezas de Natal.

Como é feliz o vosso Dia de Natal! Nunca tendeis preconceitos pelo modesto Natal que passais. Já passei Natais como vós; já passei piores e hoje lamento não poder passá-lo com a vossa alegria e com o vosso amor, aquele amor ao Menino Jesus que é hábito em nossa Obra.

Eu sei e lamento não terdes brinquedos como os outros meninos; mas o Natal não é só brinquedos, mas sim amor, aquele amor paternal e fraternal que em nossas Casas se pratica nestes dias tão calorosos.

Tenho uma filha e só este ano ela vai passar um Natal com brinquedos; mas não esqueço aqueles que os não têm e aqueles que só pensam que o Natal é grandes prendas e brinquedos.

Pensemos no Menino Jesus e no Amor que Ele pregou por esse mundo fora, deixando sempre no Seu rasto o sabor dum Amor que todos nós, mesmo homens, queremos e não temos.

Minha filha vai necessitar de passar um Natal com todos vós. Todos os meninos necessitam de o fazer, porque é mau darmos um aspecto do Natal diferente da realidade.

Lembremos os nossos Irmãos que em África pensam na Ceia de Natal das nossas Casas. Era uma Ceia de amor e de amizade e, até, de uma grande alegria. Mesmo sem brinquedos.

Lembremos os nossos Padres, e em especial os que labutam em África, para provar que a doutrina de Pai Américo não é feita de promessas mas de compreensão e amor às crianças que, sem pai ou mãe, necessitam de calor materno e paterno.

Lembremos Pai Américo. Não me alongo mais neste ponto porque sou tão pequeno, e talvez mais pequeno que vós, para falar de Pai Américo. Falar de Pai Américo é falar de amor e falar de amor não é fácil!

Lembremos todas as crianças que passam fome e também aquelas que têm sede de amor e carinho.

Não me conheceis, mas todos quantos em Malanje e Benguela sentiram o amor da nossa Obra, conhecem-me.

Dum vosso irmão que cumpre a promessa feita há nove anos, quando saiu para a vida que lhe foi oferecida pela nossa Obra, a Casa do Gaiato de Malanje: um feliz Natal para todos vós, meus irmãos; um abraço de minha esposa e filha. Choro quando vos escrevo!

Manuel Fernandes

## Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª página

num país do mundo, nenhum sistema político pode pensar no próprio porvir diversamente, senão mediante a imagem destas novas gerações» — recordava e recomendava João Paulo II na sua mensagem de Natal.

Investir directamente no Homem que será a criança de hoje é o mais inteligente ali-cerce do progresso, como afirmava a ONU no preâmbulo da sua resolução: «A noção de serviços de base em favor das crianças é um elemento capital do desenvolvimento social e económico; e essa noção deveria ser defendida e aplicada pelos esforços de cooperação das comunidades internacionais e nacionais.»

O Ano Internacional da Criança foi pois um tempo de sementeira e de amanhã que há-de confirmar o seu valor pelos frutos que produzir. Ele foi um desafio feito à consciência de todos os adultos, principalmente aos colocados

em postos de responsabilidade; e continua a sê-lo.

Entre nós fizeram-se umas festinhas a propósito, mas não vimos nada de sério a respeito de revisão de vida, de coordenação de esforços, de mobilização de vontades. Aconteceu uma produção maciça de leis, muitas para ficarem só no papel. Mas nada que tivesse em vista a Criança e o Futuro. Os responsáveis estiveram demasiado ocupados consigo e com as suas intrigas para repara-

rem que «a noção de serviços de base em favor das crianças é um elemento capital do desenvolvimento social e económico». Somaram o seu vazio às ausências de muitas aplicações que criticaram amavelmente sem emendar o passo.

Será que o novo Governo vai assumir a proposta que o Ano Internacional lançou e vai dar à Criança «o melhor de si próprio, que lhe deve»?...!

Padre Carlos



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.000 exemplares